



Visado pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano IV—N.º 99
Preço 1\$00

Redação, Administração e Propriedade — Casa do Gaiato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo
13 de Dezembro de 1947

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628 Porto
Vales do Correio para CETE

IGREJAS E REFEITÓRIOS

Venda do numero 98

O ALVIELA permuta com o Gaiato. Ambos são quinzenários dirigidos por padres. No ultimo numero, vem uma coisa que muito gostei de ver. E' a noticia da creação de um refeitório, aonde já comem trinta e quatro pessoas que, sem ele, refeitório, ficariam muitas vezes sem comer. O jornal fala do entusiasmo pela sua inauguração. Eu, aqui de longe, também; e acrescento que, se ele há gente que não tenha caldo em sua casa, por pobre, que o tenha sempre à porta das igrejas. Os sócios benfeitores são em grande numero e muito eloquentes. O jornal diz que, além dos já publicados, temos mais os seguintes. Verifiquei nomes e quantias. Setenta senhores respondem com dez mil escudos, a passar. Isto em metal, que os generos subscritos, levam aquela soma muito mais além. Sendo este quinzenal, como é, o boletim paroquial da freguesia, certo é que o pároco é indubitavelmente a alma do refeitório. E' uma obra paroquial. Se no concelho houver gente que não conhece a Igreja, vê necessariamente a obra e por meio dela, a seu tempo, entrará na igreja. Hoje como sempre, a Igreja conquista dando de comer a quem tem fome. Patronatos, asilos, creches, hospitais, orfanatos, gafarias, — tudo isto teve a sua origem no seio da Igreja. São obras dela. Assim o exige o composto misterioso do ser humano—corpo e alma.

Quando, de uma vez, o Mestre houve de dar a definição do primeiro mandamento, foi buscar o espoleado que alguém encontrou na estrada, ergueu do chão com muita dor, pôz remédio, deu de comer. E' o Mestre a falar. O proprio fundador da Sua Igreja a dar directrizes. De sorte que, as obras sociais são o complemento directo da doutrina de Jesus. São a aplicação do Evangelho. De nós se pode dizer se as não realizarmos, o que outrora dizia o Mestre, ao falar dos grandes:—*Dizem mas não fazem*. Sabemos que nem todas as freguesias estão em condições de ter o seu refeitório à porta da matriz.

Outras existem, aonde essa necessidade se não verifica. Mas a verdade é que a multidão dos indiferentes e descrentes, olham para estas obras de qualquer distancia, fecham os olhos, meditam e começam a ter duvidas se sim ou não Deus existe. E' por meio delas que damos testemunho de Cristo. Elas são maravilhosamente revolucionárias. Tomemos o caso de Alcanena. Numero de subscritores. Quantias e quantidades subscritas. Fama. Opinião. Alegria. E trinta e quatro irmãos nossos a comer caldo bem feito, que doutra maneira não sabiam eles, nem nós, se na verdade o comeriam.

E isto tudo é a sequencia do Evangelho. O prolongamento da homilia do pároco, à estação da missa. No altar diz. No refeitório faz. Resultado? O povo acredita. Toda a gente sabe que esta não é a principal missão da Igreja. Jesus Cristo é o Redentor das almas. Fez dos Seus discípulos pescadores de almas. *De que vale ao homem ganhar o mundo inteiro se no fim de tudo perde a sua alma!* Eis a missão. Mas a ponte por onde se chega às almas é o corpo. São as obras de misericórdia corporais.

Por muito prêgar e inculcar somente as espirituais, podemos comprometer o pensamento de Jesus e impedir a expansão do Evangelho. Este clamor vem das proprias alas dos nossos melhores e mais sinceros colaboradores.

Nós recebemos dezenas de cartas de senhores de todas as categorias, filiados na Acção Católica, aonde se queixam amargamente da ausencia de acção social. *Ai como tantos párocos de freguesias de grande rendimento podiam fazer grande apostolado com obras sociais!*

Queixam-se com pena. Queixam-se por serem de casa. São filhos da Santa Madre Igreja. Eles desejariam ver a Mãe ocupada a dar de comer. A dar de vestir. A olhar pelos doentes. A manifestar activamente e eficazmente o seu grande amor. Amor de Mãe! Mas aonde as receitas para alimentar as nossas obras sociais—Aonde? Encontram-se na experiencia e na Promessa. A receita das nossas obras é a despeza que se faz com elas. Quanto mais gastarmos *bem*, maior rendimento temos. O pároco de Alcanena já deu com o segredo. Como ele, muitos outros. Pois é necessário que sejam todos.

DE COMO FUI PREGAR A LISBOA E DO MAIS QUE LÁ ME ACONTECEU

FUI no tripeiro. No flecha madrugador das terças, quintas e sábados. Era um sábado. No domingo, havia de pedir, como pedi, na igreja de Nossa Senhora de Fátima. Padre Adriano, partiu de Coimbra no domingo de tarde tomar conta do dinheiro e com ele, acomodar empreiteiro e fornecedores, a ver se eles se calam. A's 19 horas e 11 minutos estava no Rocio á espera do flecha, o qual chegou às horas precisas, —precisissimas! Louvores por haver alguma coisa a regular bem, num mundo aonde tudo anda fóra d'horas. Do Rocio, fomos jantar ao Real, um pequenino restaurante muito caseiro, muito discreto e muito sobrio. Foi caldo, peixe cozido e maçãs assadas. Eu era pra comer mais uma coisa boa que lá estava, e até cheguei a dizer ao creado que nos servisse, mas a sala é tão pequenina, as mesas tão chegadas e tantos olhares á vista, que mandei suspender. Não foi por virtude; foi por medo que reparassem. Tratava-se de um doce. Também me não ficava nada bem comê-lo, uma vez que tenho acusado muitas vezes o Zé da lenha por lambareiro. Despedimo-nos em S. Domingos, aonde celebramos. Ele foi para o Tojal. Eu tomei o caminho de Paço de Sousa. Em Coimbra, estava o P.º Manuel no seu pósto. Que Deus nos ajude.

Vem agora aqui muito a proposito, uma vez

que se fala da nossa actividade. Vem muito a proposito, sim, lembrar e meditar a frase terrível do Papa reinante—*Heresia da acção*. Tenho muito medo d'ela, da frase. Porquê? Por vir de onde vem. Nunca tão depressa como quando caminhamos de joelhos!

Voltemos ao começo da viagem.

O flecha saiu do Porto às horas. Julio veio comigo até S. Bento ouvir os toques das ultimas recomendações.

—Olha lá!

—Fixe.

Nas alturas de Gaia, entrei no restaurante por café e pão. Seis mil reis. Desta feita andei com o dinheiro, mas nem sempre. Os outros senhores é que costumam andar. Assim foi que no regresso andou o Doutor Pequito Rebelo, que enche o Alentejo.

Na minha carruagem foi quebrado o silencio por uma voz estridente: *Não calcula; tivemos um almoço pessimo*. Era uma senhora chegada do restaurante a dirigir-se a outra senhora. Relancei. Senhora idosa, aparatosa, grandes arrecadas pendentes. *Não calcula*. Calculamos sim senhor. Calculamos muito bem. A gente bem sabe quanto não sofrem os que teem fome e sede de comer. Porquê? Porque nunca se fartam. Duma vez

CONTINUA NA SEGUNDA PAGINA

Do que nós necessitamos

Mais um senhor que veio ao meu escritório, viu que a luz era muito fraca, foi ao Porto, comprou um soberbo candieiro, trouxe-o, instalou, acendeu e actualmente tenho luz soberba no escritório. Este senhor é do Porto.

Mais no de prata 500\$ e 100\$ e 20\$. Mais em Lisboa em plena rua, um senhor cumprimenta com um aperto de mão. Sinto qualquer coisa. Era uma nota.

—O senhor é do Porto?

—Não senhor. Sou de Lisboa.

—Quem lhe ensinou estas maneiras?

—Aprendi no *Gaiato*!

Ora se todos os leitores aprendessem e fizessem como este senhor, estava resolvido o problema da obra da rua, e eu deixaria de seringar. Mais de Lamego roupas de malha. Mais no *Espelho* um corte de fazenda. Mais calçado e roupas. Mais roupas. Mais dois lençóis. Mais livros. Mais roupas. Mais roupas. Mais calçado. Mais roupas, — tudo no mesmo sítio. Mais de Coimbra gravatas. Mais do Porto uma caixa de vinho d'ele. Não chega pró natal. Digo já que não. Mais do Moreira da Silva & Filhos uma pancadaria de árvores. Mais uma tonelada de carvão de forja. Mais 20\$. Mais roupas de Monção. Mais ditos do Porto. Mais também de Guimarães. Mais copos de lata de Lisboa. Mais de Braga pasta para dentes. Mais lenços de O. de Azemeis. Mais roupas e coisas do Caramulo. Mais calçado de Lisboa. Mais dois sacos de castanhas de Vizeu. Mais um senhor Doutor d'aquela terra que veio cá e trouxe doce de fruta para o nosso pequenino doente. Também para este entregaram no Lar do Porto um frasco e mais um frasco de compotas. De Braga, trouxeram os vendedores mel, da *Senhora do Mel*. As merendas destas preciosidades, são servidas pela menina Idalina. E' ela quem ministra. Assim tem de ser por causa do *Zé da lenha*. Verdade é que o rapaz jurou, ao ser readmitido, que jamais lamberia, e eu acredito que naquele momento tenha havido sinceridade. Sim, acredito. Porém o doce... é doce. O *Zé da lenha* é fraco. Por amor do pequenino, vai a Menina Idalina servir. Mais da Covilhã 50\$ para comprar geleia para o doente e a perguntar se ele está melhor. Mais da Doçaria de S. Vicente, Braga, uma caixa de coisas boas. Como são tantas, juntaram-se às que cá tinhamos, e fizemos uma merenda de delicias ós *Batatas*, tendo sobrado muita coisa pró doente! Este foi ontem ao Porto fazer uma radiografia ao tornozelo. Foi no *Morris*. Mais uma pancadaria de roupas de Vila Nova d'Ourem. Sim senhor; recebemos o pano para lençóis e o dinheiro que vinha no envelope, tudo como foi deixado aqui. Nada de sustos. Mais 100\$ do Fundão. Mais os tais 20\$. Mais de Coimbra uma data de doces. Mais de Algués 2 latas de doce de laranja. E' um médico que manda e diz assim: — *Minha Mulher manda este doce feito por Ela*. As duas maiúsculas são do marido. Quer dizer que este marido soletra e pensa e fala e ama a sua esposa com maiúscula; e da mesma sorte é amado. A união conjugal, participa do mistério da união de Cristo à sua Igreja. Doce de laranja — o meu doce! Não resisti. Chamei pelo refeiteiro das senhoras, o Miguel de Coimbra, e pedi-lhe que me trouxesse chá. A's 5 horas aí vem ele. Vinham, também, duas fatias de pão branco. Não é meu costume tomar nada, — mas o doce! *Aquele doce!* Barrei uma e dei ao Miguel.

—Perguntado que doce era, disse ser de limão. Tornado a perguntar, disse que parecia laranja. Lambou o pão. Lambou os dedos. *Cheira tão bom*, e lá lambendo. Este Miguel é lindo como as estrelas e a mãe trocou-o por um homem que há-de apodrecer, se já não apodreceu! Outra vez de Coimbra uma caixinha de bolos feitos de propósito para o doente triste. Ele é o Benjamin de 4 irmãos que cá temos. Silêncio é a palavra mais adequada para dizer ao mundo o que foi a vida destes quatro irmãos, antes de aqui chegar. Silêncio! Porém, o amor não se cala. Os mimos que não tem chegado para o pequenino enfermo!

Eu quero que todos leiam, saibam e meditem. Os Crentes, para que creiam mais. Descrentes, para que comecem a duvidar. Sim. A Caridade é força explosiva! Não é que vejamos na creança o próprio Deus. Nós não somos idolatras nem panteístas. Mas levamos o mundo a amar o próprio Deus, no amor que dermos à creança. E' um acto de verdadeira adoração fazer bolos em casa, tirar doce de laranja às reservas do ano, e por outras maneiras, vir à nossa aldeia ou mandar dizer por carta, que Deus existe e que há no mundo quem O ame. Como? Amando as creanças dos caminhos!

De como fui pregar a Lisboa e do mais que lá me aconteceu

Continuação da primeira página

entrei numa casa rica, pedir por amor de Deus. Os senhores estavam. Havia um livro sobre a mesa, com que se ocupavam na maré. Vi o título. *Manual do cozinheiro*. A senhora da casa aponta para o dito livro: *Estava a vêr receitas. Já não sabemos o que havemos de comer!* A multidão dos que vivem para comer, atranca os caminhos e as sepulturas. São os infelizes do mundo. Assim o diz a voz da Eternidade: Do que comi nada vi. Do que dei tudo encontrei.

O flecha chegou á hora marcada. Dirigi-me á Emissora, aonde me gravaram uma palestra. Um apêlo cerrado ós lisboetas, para se levantar a Casa do Gaiato de Lisboa. Não falei em *corações generosos nem almas de boa vontade* e outras pieguices do estilo. Não falei. E' preciso mudar de tom. Falei, sim, de *obrigação*. Obrigação de todos. A palestra levou dez minutos. Dez minutos a seringar os senhores mal-las senhoras de Lisboa. Vamos a vêr. Eu a falar na Emissora. Na Emissora Nacional! Eu a pregar nos pulpitos. Nos pulpitos da cabeça do Imperio! De uma vez era eu um humilde pregador da aldeia, quando recebi convite do juiz da confraria de certa vila para ir ali pregar. Esfreguei as mãos de contente e disse logo que sim. Preguei numa vila, era caminho certo para chegar ás cidades. Comecei a estudar. Porém, qual não foi a minha angustia ao tomar conhecimento do veto do paroco: *Que não. Esse padre não sabe nada*. Hoje, estou eu vingado e ele castigado. Mas nem por isso deixo de querer mal ao Veto.

Saio da Emissora e passo na Baixa a caminho do Hotel. Ia a saborear a gloria de ter falado na Emissora e de ir falar amanhã na Igreja de Fátima. Nisto, vai uma voz escarminha de um grupo de rapazes: *Anda lá meu santinho!* Ora toma, disse eu com os meus botões. Ai tens a tua gloria escarnecida!

Chegam agora as horas de pregar. A igreja de Fátima foi a escolhida. Por lá começou a campanha. A's 6 horas estava á porta, para começar á missa das 7 e seguintes. Estava fechada. Deambulei pelas avenidas a fazer a oração da manhã. Oração nas ruas! Hom'essa! Sim senhor. Oração nas ruas. Oração mental nas ruas. O Reino de Deus está dentro de nós. A vida que vale é a interior. E' por ela que somos notados. Deambulei. *Aquela hora, sem bater, entravam senhores nesta e naquela porta. Eram da casa. Abriam com a chave. Vinham da Babilonea. São os chamados distintos. A nossa melhor sociedade. Ou eles não fossem das avenidas de marmore!* O mundo julga pelas apparencias, por isso tão mal o faz! Abrem-se as portas. A's sete. A's oito. A's nove. A's dez. A's onze. A's doze. A's treze. A chuva era a cantaros. Os homens que recolhiam as esmolas, iam murmurando; o *senhor prior teve pouca sorte. Muita chuva. Os senhores não veem. Não importa a chuva. O que importa é semear. Outros colherão.*

Saio o sementeiro a semear. Isto sim. O Evangelho. Quantos desejos. Quantas resoluções. Quantos remorsos. A alma inteira a ferver. Semente!

Sou procurado por alguém.

O meu marido fugiu-me. Ia a contar a história, mas as lagrimas embargaram. *Eu queria que ele voltasse.* Eu escutava silencioso e magoado. Estou afeito a estes gemidos. Gemidos de abandonados. Nas avenidas de marmore, também há abandonados! Recebo muitas e muitas e muitas cartas d'aquelles sítios, ás quais não respondo — *mas sinto*. Algumas há que pedem para se juntar ás nossas Comunidades e trabalhar para esquecer! São cataclismos morais. A tristeza da Repudiada. A Desgraça da concubina. A iniquidade do infiel. Cataclismos. Nós difíceis de desatar.

Mas triunfa a inocencia. Ainda há bem pouco tempo passei por uma terra e fui visitar uma senhora que suportou heroicamente o repúdio. Cristamente é mais acertado dizer. Conversamos. Disse-me da sua maravilhosa paz interior. Da imensa alegria que disfruta agora, pelo bem que faz ao semelhante, com as suas economias. E disse. E disse. E disse. Quanto ao infiel, anda por lá a colher os frutos da iniquidade e pode vir a ter morte péssima, se se não arrepender!

A' noite, P.^a Adriano mais eu fomos ó Eden, vêr o documentário da nossa aldeia. Fomos discretamente, para que nos não notassem. Não é que não tivéssemos já visto o trabalho do



Ontem, dia em que se soube da grande tragédia do mar, celebramos na capela da aldeia por alma dos **Humildes** que pereceram e pelos orfãos que ficaram.

«Pro Vivis atque Defuncti».

NOTA DA QUINZENA

E' esta carta que vai fazer a costumada nota

Estes dois garotos, portadores desta carta, passaram a noite no lajedo dum recanto do portal da pensão onde me hospedo quando venho ao Porto—Pensão dos Aliados.

Ao vê-los, de manhã, com um frio horrível, ali enroscados um no outro, fiquei impressionadíssimo, não percebendo como se não morre com uma noite assim passada. Julgo que senti o mesmo que V. sentiu quando pensou na gigantesca obra a que se entregou.

Eu porém não posso fazer nada. Tenho cinco filhos e tenho dificuldades. Farei, porém, tudo o que puder para auxiliar a obra. Resolvi-me a isso depois do quadro horrível que esta manhã foram para mim esses dois garotos.

Chego de Lisboa, aonde fôra pedir para a Casa do Gaiato de Lisboa, e dou aqui com os dois rapazes que vieram justamente no dia em que eu saí.

O Rio Tinto aboletou-os na casa do tórno, até que eu chegasse, e os da cozinha levaram-lhe lá de comer. Metiam medo, quando os vi. Além de sujos da rua, estavam enfarruscados da cama. Eles dormiam sobre a lareira, no meio das panelas, embrulhados em cinza. Antes que eu lhes dissesse que os não podia receber, ia ouvindo da boca dos rapazes: *na casa 3 ha camas. Na casa 2 ha camas.*

Era quasi noite. Tinha um mar de coisas a resolver, como sempre acontece ao chegar de fóra. Os dois deitaram-se aquela noite com a mesma cara, a mesma roupa e a mesma tristeza que da rua trouxeram. No dia seguinte chamei-os. Pudera aqui dizer agora muito do que então lhes ouvi: Pudera sim. Mas não é necessário. A carta diz tudo. *Passaram a noite no lagedo, enroscados.* Eis aqui a ficha dos rapazes. Eis aqui a nossa condenação. Pode vir amanhã um tribunal com toda a sua justiça condenar dois criminosos nascidos no lagedo dos portais. Pode vir. Pode condenar, sim. Que importa? Nós já estamos condenados pela justiça!

Outros povos; outras civilizações terão desculpa. Mas nós que vamos á missa e nos chamamos cristãos, — nós não temos desculpa.

Os dois garotos choravam: embora. *Agente não tem casa.* Olhavam pr'a minha cara, assustados, como quem espera uma sentença. *Olhe que eu só tenho um irmão que anda a cantar e c'os c'gos.*

E choravam. Lágrimas inocentes. Lágrimas enroscadas nos lagedos dos portais! Pois acabou-se lhes o martírio. Lavaram a cara. Vestiram roupa lavada. Teem um lugar á mesa.

Eu venho aqui acusar o mundo. Sou testemunha de acusação. Acuso a Ciencia. Acuso o Capital. Acuso o Poder. Acuso estas trez forças enquanto as não souber a favor e ao serviço da fraqueza.

Adolfo Coêlho, mas quizeamos vêr como Lisboa o comenta.

Que pena estar ali um padre, ouvia-se! Eu estava pertinho, mesmo a roçar com os desgostos. Nós somos naturalmente um mal para os que vivem mal. Mas a apreciação destes lisboetas condiz absolutamente com a opinião geral. A obra em si não se discute.

NOTÍCIAS DE COIMBRA

Esta casa foi aberta para os Gaiatos que vêm para o estudo ou para oficinas. Mas como em Miranda andam em obras vieram para cá os miúdos todos também; são os Batatas de Coimbra. Um dia destes foi uma desgraça: o mais pequeno que cá está foi-se pôr à beira do tanque e de repente cai. Os outros gritam:

—Al, que o Armando está-se a afogar. Tudo corre mas quando lá chegamos já ele estava cá fora. Tinha começado a bater com as mãos na água e conseguiu vir à borda do tanque até um dos mais pequenos lhe puxar por um braço.

Um dia destes pus-me a presenciar a conversa de dois dos nossos mais pequenos.

Um dizia: —O Mário: e se o gato sésse um avião?

—Se o gato sésse um avião a gente ia nele. Desde que para cá vim, tenho ocupado as horas vagas a angariar subscritores.

Tem corrido menos mal. Já arranjei 4 contos por ano, e agora como há falta de dinheiro, temos que ir fazer já a cobrança.

Vamos a ver se eles não faltam à palavra. Agora que estamos quase no centro da cidade, já podem cá vir muitos visitantes.

E' certo que cá vieram já alguns e deixaram alguma coisa.

Um dos primeiros foi o Snr. Bispo.

Chegou a primeira coisa que foi ver foi os Batatas a comer; depois foi ver a escola; depois os dormitórios; e etc.

Muito devemos ao Snr. Bispo porque foi ele que nos deu esta casa para habitar.

Os nossos humedecidos já estão quase corrigidos.

Estão quase corrigidos à custa de um prémio.

Eu ofereci-me para os levantar de noite e em recompensa deste trabalho, dão-me um prémio, e ao que se está a corrigir, também.

O Cronista
Carlos Inácio.

P. S.—Os senhores de Coimbra andam alarmados com a perseguição do Carlos Inácio. Já lhes apanhou 4 contos por ano, de subscrições—não larga a porta enquanto eles se não explicam. Ele é um conquistador. Quando era da comunidade de Paço de Sousa e ia ó Porto vender, nunca outro lhe levou a palma.

Ele é do Boa Vista. E' um adepto sincero e trabalhador. Aqui em casa, não perdia nunca a ocasião de arranjar adeptos para o seu club. Fazia comícios, prometia coisas e chegou ao heroísmo de conseguir sócios pela sua merenda! Não se pode ir mais longe. Eu prometi e não falto. O Carlos Inácio vem passar as férias do Natal a Paço de Sousa. Se ele tem saudade da gente, também nós dele.

O nosso hospital

Nota oficiosa promanada do enfermeiro-mór, para o distinguir dos seus ajudantes que são o Molestia e Zé da lenha.

Deram entrada durante o mez de Novembro 15 doentes. Sairam 11. Ficaram 4. Um destes é o Sapo.

Consultas	83
Curativos	339
Injecções endovenosas	20
intra-musculares	113
Exames pulmonares	24
Análises de sangue	24
Sala de estomatologia	15 operações

As análises ao sangue são feitas na Farmácia da Boa Vista. Só hoje soube que tomam ali café! Foi o Molestia que mo disse. Isto só no Porto. As radioscópias são feitas pelo Dr. J. Gaspar tantas quantas forem precisas, preços a ver mais tarde... Se não fossem estes senhores como podia eu acudir a tanta coisa, sendo o pão a principal de todas e o que me dá mais que fazer.—Como?! Na sala de estomatologia, opera o Doutor Mergulhão.

Ando muito contente. Muito devo ao nosso Médico assistente, Doutor Barbosa Leão, por arranjar e promover o tratamento antisifilítico. Todos são examinados. Vão em grupos de cinco ao Porto, todas as semanas, e as análises teem provado que há mais tempo se deveria ter feito. O enfermeiro, na nota fornecida de onde extrai estes dados, vem assim a dizer: *Muitos positivos iniciando-se já o tratamento que muito irá beneficiar a saúde dos nossos rapazes.*

E' a justiça total. E' cama e mesa e roupa lavada e escola e oficina e saúde e alma.

VISITANTES

Hoje contei com os meus olhos trinta e dois carros. Juntaram-se na nossa aldeia, à roda da nossa capela, trinta e dois carros! Era domingo. Fazia um outono d'ouro. Até aqui muito bem. Mas o pior foram as queixas. As queixas dos volantes. Poucos tinham atinado. Uns foram dar a Paredes. Outros a Penafiel. Alguns a Entre-os-Rios. Muitos andaram por Recarei, pela Sobreira, por lá. E todos queriam um sinal. Uma seta. Qualquer coisa à beira da estrada e em lugar próprio que lhes dissesse aonde nós moramos. A nossa casa fica, rialmente, no interior e no sítio aonde os visitantes desejariam o sinal, existem três encruzilhadas! Três lugares de hesitação: *será por ali?* Três pontos de partida para caminhos enganados. Ora eles dão sorte. Chegam à nossa aldeia a bufar, de ruínas. Não há direito! Porque é que não há-de haver um letreiro?!

Eu escuto. Atendo. Digo que na verdade é pena não haver uma indicação na estrada que livre estes nossos amigos da grande maçada do engano. E ao depois considero. Medito:—Um cortejo de oferendas composto de trinta e dois carros sem foguetes nem bandeiras nem o senhor presidente da camara nem nada. O engano dos caminhos. A gasolina queimada. Ninguém agradece. Os jornais não falam. E os cortejos de oferendas são de todos os dias!! Quanto vale o Sapo, o malcreado da Murtosa, que se fartou de levar pimenta na língua até deixar de falar mal! Sapo, o mais feio da aldeia sem contestação de ninguém, que fica muito contente com os visitantes e delira quando diz: *olha, olha; todos me querem a mim. Todos gostam muito de mim.* Ele, o mais feio! Quanto não valem os mais cicerones, a quem os senhores do cortejo entregam as suas ofertas!

Sem sinal indicativo nas estradas, enganados por outros caminhos, sem retrato nem nome nas gazetas, aí vêm os cortejos a pé, de carro, no combóio,—e de avião!

Que riqueza não está escondida no peito dos enfeitados! E que bondade no coração dos homens!

Crónica Desportiva

No dia 30 de Novembro último efectuou se um desafio na Casa do Gaiato entre o grupo representante de Paço de Sousa e o Sporting Club de Penafiel.

Pelo grupo de Paço de Sousa jogaram três gaiatos que foi Amadeu, Sérgio e António. A bola foi ao centro os de Penafiel levaram a primeira avançada que o ponta direita remata ao primeiro minuto que faz o primeiro gólo do Penafiel. A bola foi ao centro Zeca chefe passa para Sérgio que passa novamente para José da Silva que chutou para a frente um jogador visitante dá de cabeça para o seu companheiro que é desarmado por Sérgio que passa para Zeca chefe que corre às redes de Penafiel que remata sem conta e que faz o primeiro gólo de Paço de Sousa. A primeira parte terminou um a um.

O esférico foi ao centro Zeca chefe passa para Alfredo que novamente passa Mantas e este corre às redes que passa para Alfredo a Sérgio a Jorge que remata e faz o 2.º gólo do seu grupo. A bola vai ao centro Penafiel corre com força às redes de Paço de Sousa mas Adriano desarma o adversário que de repente alivia o seu campo a bola é apanhada por Alfredo que passa novamente para Mantas que de repente passa ao seu companheiro Alfredo corre para junto das redes de Penafiel que passa para Jorge que remata outra vez às redes contrárias e faz o 3.º gólo de Paço de Sousa. O esférico vai ao centro os de Penafiel levam a bola nos pés driblam os beques de Paço de Sousa mas eles adiantam a bola e Amadeu sai das redes para apanhar a bola Amadeu o guarda-redes de Paço de Sousa atirava a bola já à mão isto já era para gosar os jogadores de Penafiel. O guarda-redes Amadeu atira a bola em direcção de Adriano que atira a bola para Sérgio este corre às redes de Penafiel com a bola que remata e bate no poste Zeca chefe corre a fazer a recarga e consegue fazer o quarto gólo do seu grupo. O esférico vai ao centro um de Penafiel corre à baliza que de perto chuta e a bola sai para fora Amadeu põe a bola em linha para António chutar que chuta fortíssimo que atravessa quasi o campo todo a bola é apanhada pelo ponta esquerda Mantas que dribla três adversários e consegue rematar e fazer o 5.º gólo de Paço de

ASSINATURAS PAGAS

Isto é que tem sido! Não digo pagar. Lá iremos. Digo assinar. O numero de assinantes a crescer e a crescer e a crescer! Só da Covilhã houve um Senhor que nos indicou trezentos nomes como prováveis e a verdade é que mui poucos estão a ser devolvidos. A maior parte dos nomes são de fabricantes. Fabricante, quer dizer endinheirado. Ora vamos a vêr... Doutras terras chegam listas e nomes singulares. Queiram lêr este postal.

«Queiram enviar-me o jornal «O Gaiato», considerando-me assinante, com 50\$00 anuais, que vou remeter em vale do correio.

Assim apoio a obra do P.e Américo e acabo com o «escandalo» de ainda não ser assinante».

E' dum Doutor. Ele afirma que é escandaloso não assinar. Eu cá não vou tão longe, mas que muitos mais deviam ler e pagar, isso sim. Por causa dos crónistas, já se vê. A deliciosa gíria dos crónistas. A sintaxe dos crónistas! Queiram lançar os olhos sobre esta outra carta:

«Em casa do assinante n.º 6159 de «O Gaiato» entram diariamente 4 jornais, d'aquelles de grande tiragem e que dizem todos a mesma coisa ficando muitas vezes por abrir, porém quando chega «O Gaiato» é lido por toda a familia até pelas creadas que já não podem passar sem a leitura (graças a Deus)».

Não está certo. Não acho bem. Não abrir não fazer caso dos colossos diários! Não ler a grande Imprensa. Os Grandes!

Ora uma é a leitura dos Diários, outra a de O Gaiato. Entrava eu um destes dias numa sala do hospital, onde estavam reunidos alguns dos nossos. Eram horas de deitar. Fazia-se ali um pequenino clube. A conversa era o jornal e os jornais. *Eles copiam uns dos outros, dizia o Amadeu. O Gaiato não copia;—é feito do Evangelho*, disse o Piriquito. E disse tudo. Disse a unica razão de ser daquele delicioso comunicado: *Leio de ponta a ponta.*

Porque lê tu de ponta a ponta? Nós somos do Evangelho. Nós estamos no Evangelho. Nós somos Pedro. Nós somos Zaqueu. Nós somos Madalena. Nós somos o avarento. O traidor. O moço rico. O publicano. *Até as creadas já não podem passar sem a sua leitura.* Se de algo me posso gloriar, é de ser lido e compreendido pelos humildes. E' isso mesmo que eu desejo. Duma vez uma creada de servir, cozinheira numa casa do Porto, apareceu-me aqui com um pequeno pela mão. Deu com ele no caminho. Leva-o para casa dos seus amos. Esconde-o no quarto de dormir. *Talvez eles, condoidos, me deixassem lá ficar o pequenino* disse ela. Mas não deixaram. A casa era grande de mais para isso. Não era o aposento que faltava; era o não saber-se em qual d'elles havia de ficar, de tantos que lá havia. E' a crise da abundancia. A pior de todas.

A creada de servir toma o rumo de Paço de Sousa, tira bilhete para ela e para o seu amor, e veio aqui fazer uma afirmação do primeiro mandamento. Prégou o primeiro mandamento. Disse-me que amava aquela criancinha como a si própria, e nisso é que está toda a lei e todos os profetas; o verdadeiro amor de Deus.

Nós precisamos de mais, de muitos assinantes. E' necessário acabar-se em Portugal com o escandalo de não lêr o Gaiato e dar alguma coisinha pela sua leitura.

Nas salas da administração do famoso, pode-se entrar por gosto. Quatro carteiras. O Avelino à frente. Ele é o senhor administrador. Ao pé, fica o Alfredo. D'um lado, o Carlos e do outro o Cête. São oito horas por dia e às vezes há serão! O garnizé, a mascote, é que tem perturbado um bocadinho. Tem vindo jornais devolvidos por insuficiência de endereço... Mas o garnizé é soberbo. Soberbo nas cores. Soberbo no aprumo. Delicioso no deixar fazer festas e na resposta que a elas dá. E' a mascote. Saiu há dias do Tejo um navio a chorar, por ter perdido nas ruas a sua mascote,—um cão. E deixou instruções para o mandarem de avião, no caso de ser encontrado. Ora que muito que os da nossa redacção gozem e estimem o garnizé?!

Sousa em que a Selecção de Paço de Sousa venceu o Sporting Club de Penafiel por 5 bolas a uma.

O Cronista,
José de Sá Carvalho

Isto é a Casa do Gaiato

O Piriquito tinha a guardar na loja e nas mãos do mestre, a sua caixa de gorjetas.

Tostões que os freguezes lhe davam. Ele abria, mirava o dinheiro, contava e de novo entregava: *guarde lá*. O mestre guardava. Mas o Piriquito é impaciente. E' inconstante. O dinheiro incomoda-o. Pede a caixa e lá vai ele com ela na algibeira, a filantar, direitinho a casa. Agora sim. Guardava o que era seu. Não sei se pelo caminho mostrou o tesouro ou se disse a alguém ou se como foi. O que é certo é que Piriquito ficou sem ele. Roubaram-lhe a caixa e o dinheiro que lá estava dentro! Bem feito. Muito bem feito. Saiba ele agora, pelo que sentiu, o que fez sentir a outros, quando dantes roubava.

ESTAMOS agora em maré de roubos. Desta feita soube-se quem é que roubou. A notícia veio à hora do jantar. Entrou no refeitório a quando os rapazes. Tinha desaparecido a saca e a boroa de um dos trabalhadores. O caso era muito grave. O pão de um trabalhador! Apareceu o nome do conivente, antes de aparecer o autor. Era o Botas. O Botas tinha ajudado a comer a boroa. Decorria o jantar. Nesta e naquela mesa falava-se em surdina.

Não sei daqui ninguém sem se apossar o caso.

Oh sentença! Um dia de sol. O campo da bola. Cento e cinquenta indivíduos sentados à mesa onde se comeu e onde não há agora nada que comer. Oh sentença! O suplício foi de pouca dura. Apareceu o ladrão. Foi o Adriano, diziam todos à uma. Ai vem ele sala acima até ao banco dos reus. Ele e o Botas. O Adriano é pequeno de estatura e tenro de idade. Veio cá de uma vez a mãe dele que pela idade, mais parecia ser avó. Talvez que por tarde, tenha sido má a hora da sua geração. O certo é ser o Adriano um dos rapazes que mais frequenta o tribunal, quase sempre por roubar. O primeiro interrogado foi o Botas. Comeu boroa, sim, mas não sabia a sua origem. Ladrão de boa fé. Absolvido. Pronto. Agora vem o réu. O Adriano. Perguntado sobre o roubo confessou. Tinha a saca. Sacou-a da algibeira. Olhe-a. Comeu pão e deu ao Botas. Não ficou nada. O tribunal ouvia. De novo interrogado e conduzido com muito jeito, qual Custódio das Dores, o ladrão admite o princípio do Evangelho. Ele não gostaria que em igualdade de circunstâncias, lhe fizessem o mesmo.

—Que? Não gostavas?

—Não senhor.

—Então porque é que o fazes a outros?

Não se responde ao Evangelho. Ou se admite ou se repudia.

Quanto ao castigo, eu bem sei como havia de ser. Era obrigar o Adriano a ficar sem pão e dá-lo ao trabalhador. Mas isto seria impossível. Primeiramente pela rara habilidade do ladrão. Ele havia de arranjar fosse onde fosse. Segundo, porque a sentença não seria respeitada; os outros davam-lhe pão. Que se resolveu? Duas lambadas, ir à cozinha pedir tanto quanto roubou, metê-lo dentro da saca, entregar o roubado e pedir-lhe perdão. Mais nada. As cadeias são lá fora. Que eles nunca as vejam!

O Batata Nova veio hoje ao meu escritório, acusar o *Felício Miúdo* de ter aceitado coisas dos senhores, e explica determinadamente: *Foi molete com marmelada. Foi uns senhores que deram. Ele aceitou e comeu.* Muito bem. Mas o Batata esqueceu-se que também tem aceitado moletes dos senhores e não está livre de tornar a fazê-lo, por isso, que é da autoridade de apontar os seus companheiros? Houve um tribunal por amor da dita acusação. O queixoso é que foi chamado a contas e não o delinquente. O Batata. O lambareiro! O Comilão, que aceita dos senhores tudo quanto seja de meter à boca! Como é que ele se atreveu a acusar os mais?! Hipocritasinho! Não vê a trave que tem nos olhos, por isso mesmo pretende tirar o argueiro aos outros. Pois que aprenda primeiramente a limpar a vista e depois que fale, que acuse. Esta doutrina é para todos. A indulgência ou a intransigência com que tratamos os nossos irmãos, vem-se buscar a estes ensinamentos. E' doutrina do Mestre.

ESTIVERAM cá dois médicos do Centro de Psiquiatria do Norte a examinar rapazes. Mostraram interesse. prometeram voltar. Pois que sejam firmes no seu propósito, a bem da nação. Quizeram jantar conosco. Foi caldo

de nabos e batatas com rigelos. Gostaram. Estávamos no amplo refeitório. Eles viam doze mezas ocupadas; tinham ali diante de seus olhos um panorama inédito: cento e sessenta moços a rilhar, no maior avontade desta vida, e mui naturalmente, perguntaram quem é que tomava conta. Quem dirigia. *Que é dos dirigentes?*

Foi então que se lhes indicou o dirigente. O chefe que eles escolheram por eleição. Estava ali mesmo ao pé, a comer a nossa meza. Os dois médicos ficaram tomadinhos de espanto.

AGORA por médicos, também tinha a fazer a comunicação agradabilíssima, que o Dr. Aloisio Mergulhão quis tomar conta do nosso consultório dentário. Trazia consigo uma verdadeira eleição. Tanto dinheiro dispendido, tantos rapazes a precisar serem convenientemente atendidos, ninguém a falar! Pois falou sim senhor. O senhor Doutor Mergulhão, vem duas vezes por semana.

O Sapo tem agora as galinhas fechadas, por via das sementeiras. Anda triste o rapaz. Ele quereria para as suas galinhas a mesma liberdade que tem. Eu já o tenho consolado, falan-

do-lhe do dano dos bicos das galinhas e da necessidade do pão. Uma coisa o alegro, contudo. São os ovos. Os ovos que elas põem. Eu sou notificado hora a hora: *já temos quatro! já há seis!* E por aí fora, até elas acabarem de pôr! O Sapo não come os ovos. Não importa. Ele tem mais que comer. O que ele pretende é ver nas mãos o prato da sua obrigação. Nas suas mãos. E assim se salva um homem!

O Rodrigo Alfaiate, veio-me pedir se eu fazia o favor de lhe celebrar missa por alma dos Pais. Ele é orfão e andava por lá. Veio com aprumo, com dignidade, como quem sabe o valor do acto e seu significado. Que sim, pois. Marcou-se dia e hora. Rodrigo compareceu, trazendo na sua companhia os seus predilectos. Eram o Júlio alfaiate, o António sapatário, o Carlos do Campo, o Vieira carpinteiro e o Santa pedreiro, assistiram. Ao retirar-me do altar para a sacristia, oigo a voz pungente do Rodrigo, mãos postas e no meio dos seus companheiros: *Por alma dos meus pais—e rezaram todos.*

Eu acho isto simplesmente admirável. Uma afirmação de personalidade, demonstrada num acto social da vida da nossa aldeia. Acto público, livre, com convidados e tudo.

A Casa do Gaiato é mas é isto

Ao deixar ontem em Lisboa o Padre Adriano, recomendei-lhe que fôsse à Nunciatura pedir autorização para celebrarmos aqui na aldeia a missa da meia noite. Eis a resposta:

—Fui à Nunciatura. Apareceu um monsenhor. Disse-lhe o que queria. Tudo eram dificuldades: rescritos, licença de Prelado, outras repartições etc. Mas quando comecei a falar na Obra, tudo mudou. Ouviu com muito interesse perguntou coisas e eu disse coisas. No fim puxou por mil escudos que me pôs nas mãos e disse que a licença estava concedida.

CRÓNICA DA NOSSA ALDEIA

1 O Periquito foi à Casa Tinoco e lá deram-lhe muitas coisas para a sua barbearia. Um frasco de alcátrão, 6 pacotes de caixas com sabão para a barba, pó de talco para a cara, uma tesoura das melhores que lá tinha—marca sueca, 2 pedras hú e e, papel para a cadeira, 2 tubos de coutoline para estancar o sangue. Pois agora já dá gosto ir à barbearia do Periquito; tem tudo muito bem arranjado, que parece uma das melhores barbearias da cidade do Porto.

2 Quando o Periquito me pediu para deitar ao jornal a pedir Stadluns não demorou que o pedido do Periquito se realizasse. Num embrulho de Stadium vinha um papel a dizer Periquito eu sou adepto do Sport Clube Rio Tinto e tu? O Periquito quando leu o papel escrito veio dizer-me, olha Cête deita ao jornal que eu sou adepto há 4 anos do Sport Lisboa e Benfica.

3 No dia 25 de Novembro pelas 9 horas tocou a sineta para que devia ser, era para todos irem despedir-se do Pepe. Todos choramos com pena dele, era tam bom rapaz. O António carpinteiro foi pedir ao Pai Américo para ir com o Pepe até Valença; ao primeiro pedido o Pai Américo não deixou mas depois foi lá o Pepe pedir e sempre foi. Foram de manhã no carro. O Pai Américo ficou com o Pepe alguns dias; quando voltou trouxe boas notícias.

4 Estava em frente do Hospital um terreno sem ser semeado e o Pai Américo mandou o Sérgio e o Jacinto abri-

rem covas para plantar árvores de sombra. Eles os dois em 8 dias abriram as covas todas. Depois o Sérgio mandou alguns rapazes do campo irem à mata e arrancarem algumas árvores de sombra e plantaram-nas. Passados alguns anos já temos um bosque para brincarmos durante os dias de calor. Depois das árvores plantadas o Senhor Joaquim ceguinho mandou lá os seus rapazes, que são os mais pequeninos tirarem as pedras e arrancar as ervas. O bosque ficou batizado com o nome do maioral «SÉRGIO LOPES».

5 Na casa n.º 3 caiu um pedaço de estuque por pouco que matava o Malhado. Os senhores leitores podem julgar o malhado um cão, não é? é um gaiato com o nome de guerra malhado. Tem o nome de guerra malhado, todos temos o nome de guerra. Tem o nome Malhado

porque tem falhas no cabelo e por isso ficou batizado com aquele apelido. O estuque que caiu já não foi a primeira vez, já é a segunda e sempre no mesmo sítio.

6 O Abel vendeu o jornal a um senhor e ele disse-lhe olha lá tendes medo de deitar tinta no jornal. O rapaz não tem culpa, quem a tem são os impressores da Casa Nun'Alvares.

7 O pai Américo quando vai ao escritório da Administração do nosso jornal, começa sempre a ralar com os 4 escriturários, porque fazemos muitos borrões com as penas de pau. Por tanto para evitar barulhos, vimos lembrar aos nossos queridos leitores, se têm a amabilidade de nos enviarem 4 canetas, para evitar os borrões. Mas cautela, não de pau! Ficamos muito agradecidos se o nosso pedido for aceite.

VOTAÇÕES

Atenção. Atenção ao primeiro domingo de Janeiro. Votações nas nossas casas. Vamos a ver quem fica chefe. Os mesmos? Outros? Nesse dia se há-de saber. Escolham o Rapaz que melhor garantias der. O mais são. O mais sério.

Os do Lar dos Pupilos dos Reformatórios, podem escolher quem quiser. São todos de barba. Todos teem voto e todos podem ser eleitos. Nas Casas do Gaiato não. Nem todos teem voto nem todos podem ser eleitos, pela idade. Escolhem entre três dos mais velhos.

JÁ no dia de finados muito gozei o pedido de uma comissão, para irem à campa dos nossos mortos. Sim senhor, disse. Plena liberdade. Arranjaram flores. Arranjaram luzes. Alumiam as campas. Rezaram o terço. Choraram. Os nossos meninos! Dois da enxurreira, que passaram a anjos: Os nossos meninos.